

Cidade, memória e geração: a Belo Horizonte de Fernando Sabino

Lucilia de Almeida Neves Delgado*

Resumo

O presente artigo analisa o tempo da modernidade nas décadas de 1940 e 1950 no Brasil e em Belo Horizonte, com destaque para o efervescente movimento cultural da época. O foco principal recai sobre as temáticas da modernidade, do desenvolvimentismo, da temporalidade, das representações, das cidades, das gerações e da memória. Esses temas são abordados através da análise histórico-literária de *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, publicado em 1956.

Palavras-chave: Memória; Cidade; Literatura; História; Geração; Modernidade.

O encontro malogrado
entre a vida e Marciano (destrói o vento a haste
sem que à flor cause dano)
Deus murmurava de lado entre divino e humano:
– comigo é que o marcaste.
(Carlos Drummond de Andrade)

O encontro marcado, livro de estréia de Fernando Sabino na literatura brasileira, escrito e publicado na segunda metade da década de 1950 e ambientado nos anos 1940 e 1950, tem como pano de fundo o desfecho da Segunda Guerra Mundial, em uma conjuntura na qual convicções foram despedaçadas, tradições questionadas e muitas vidas ceifadas. Naqueles já distantes anos, uma certeza se afirmava sobre inúmeras incertezas, a de que o mundo precisava ser repensado.

* Doutora em Ciências Humanas – Ciência Política pela USP, professora titular de História e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, autora de *História Oral: memória, tempo, identidades*, entre outros livros.

Foi um tempo no qual o Brasil inaugurou um novo ciclo político-democrático, ingurgitado pelas conquistas da modernidade, que modificou o cotidiano e os hábitos de sua população, e por pretensões desenvolvimentistas na economia. O país não ficou isolado da euforia mundial do pós-guerra, que reativou a crença na democracia política liberal e incorporou novas demandas, trazidas pelo tempo de paz, como desenvolvimento social e respeito aos direitos humanos.

Tamanho desafio também estimulou a imaginação de jovens escritores, entre eles o mineiro Fernando Sabino, que, influenciado pelo pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, traduziu em sua prosa, enxuta e bem elaborada, os sentimentos e angústias da juventude de um tempo de transição e renovação.

O encontro marcado é um livro no qual memória e literatura, tendo como fundo a história, dialogam através de uma narrativa que destaca o alter ego de Sabino, representado na trama por seu personagem central, Eduardo Marciano. Trata-se de um romance de geração, próximo a uma autobiografia. Todavia, não pode ser considerado um livro congelado em seu tempo, pois, ao traduzir as angústias peculiares aos adolescentes e jovens da década de 1940, passou a dialogar, em suas reedições consecutivas, com jovens, adolescentes e adultos de diferentes gerações.¹

O livro tem como eixo central o tema da temporalidade, tão caro à história. Tempo que, em seu ímpeto vital e inevitável, constrói ilusões, destrói certezas, gera dúvidas, cria e desata relacionamentos, traz novos afetos, aproxima e afasta pessoas e alimenta a vida com seus múltiplos movimentos. Movimentos temporais às vezes circulares – como a angústia de Marciano, que sempre insiste em retornar. Outras vezes retrospectivos, quando as pessoas dialogam com as lembranças, fazendo do diálogo, saudade. E também prospectivos, quando projetam o futuro, como acontecia naqueles anos de um Brasil que se projetava nacional-desenvolvimentista.

Literatura e arte no Brasil da modernidade tardia

Quando historiadores brasileiros dirigem seus olhares para a década de 1950, encontram, em sua viagem temporal e espacial, um país efervescente e potencializado para o futuro. Isso porque a representação e a memória transmitidas

¹ No ano de 2006, ao completar 50 anos de seu lançamento, *O encontro marcado* alcançou 431 mil exemplares vendidos e 82 edições.

sobre aqueles anos reforçam a construção imaginária de que o novo prevaleceu sobre o antigo e de que o futuro era inerente ao presente visionário.

A história demonstrou que não foi bem assim. A década desenvolvimentista projetou com otimismo o futuro, mas a realização desse futuro de progresso encontrou obstáculos que o tornaram menos dourado e mais contraditório do que as utopias construídas no esteio das concepções modernizadoras dos mandatos presidenciais de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. Mas se o futuro não correspondeu por completo às expectativas e projetos inovadores dos anos do nacional-desenvolvimentismo, a representação sobre esse período da história republicana brasileira reproduz, como um lamento, um sonho nostálgico, sua imagem como a de um tempo de otimismo. Otimismo perdido no tempo presente. Otimismo talvez petrificado em uma década finda e inalcançável. Otimismo tão bem traduzido pelo título do livro de Joaquim Ferreira dos Santos: *Feliz 1958. O ano que não devia terminar* (1998).

Através de um forte movimento de construção de representações coletivas, reproduziu-se no senso comum do brasileiro a saudade de um passado no qual teria predominado o princípio da esperança. Poucos são os brasileiros que não relacionam os anos 1950 às imagens de progresso e de prosperidade. Na verdade, não há como negar que, nessa fase da história republicana, além das inúmeras realizações econômicas e da prática da democracia política, a cultura também explodiu em criatividade.

Aqueles foram anos nos quais as produções artísticas e literárias encontraram terreno fértil para sua manifestação. Em especial, na segunda metade daquela década, ao projeto econômico desenvolvimentista de JK somaram-se iniciativas culturais de diferentes tipos. Os ares eram os de uma modernidade tardia, que objetivava superar o atraso secular de um país até então limitado tanto por estruturas sociais e econômicas consideradas obsoletas, como por expressões culturais pouco ousadas.

O projeto de construção de um Brasil mais urbano e mais cosmopolita foi amplamente divulgado por um conjunto de idéias, conhecidas como desenvolvimentistas. Essas idéias tiveram no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) seu principal pólo fermentador e divulgador. O Iseb foi instituição cultural criada em 1955, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura e dedicada ao ensino e divulgação das ciências sociais. De forma geral, os isebianos defendiam a adoção de políticas de incentivo prioritário à

industrialização como forma de superar o subdesenvolvimento brasileiro. Suas concepções eram categoricamente afirmativas de que a viabilidade econômica nacional dependia de planejamento, definição de prioridades para os investimentos públicos e privados, determinação, ousadia, otimismo e vontade de realizar.² Os isebianos estavam sintonizados com a convicção governamental de que o Brasil podia alçar vôo em busca do futuro.

A metáfora “vontade de voar” é bem traduzida pelo seguinte diálogo entre Juscelino e o embaixador da Alemanha no Brasil: “– Afinal, presidente, onde o senhor mora, no Palácio do Catete ou no Palácio das Laranjeiras?” Sorridente, Juscelino respondeu: “– Moro no céu do Brasil” (OLIVEIRA, 2006).

No esteio dessa dinâmica desenvolvimentista, aconteceu uma fermentação cultural que, por sua amplitude e alcance, pode ser considerada inédita na história brasileira.

A conjugação entre política, economia e cultura foi cultivada, ainda que de forma autoritária e centralizadora, por Getúlio Vargas na década de 1930 e no início da de 1940, mas sua expressão mais bem acabada, pois conjugada à democracia político-eleitoral, aconteceu no mandato presidencial de Juscelino Kubistchek.

De 1956 a 1960, o presidente da República cercou-se de intelectuais, reproduzindo uma prática já implementada desde a primeira fase de sua trajetória política, quando foi prefeito de Belo Horizonte e depois governador de Minas Gerais. Em seu leque de amigos seletos, além de Oscar Niemeyer, Burle Marx, Portinari e Alberto da Veiga Guignard, que o acompanharam desde os primeiros tempos de sua vida pública, incluíam-se escritores como Affonso Ávila, Autran Dourado, Alphonsus de Guimarães Filho, Fábio Lucas e Augusto Frederico Schmidt, considerado um dos principais articuladores da fala desenvolvimentista do presidente (ÁVILA, 2002).

Difundiram-se naqueles anos uma euforia e um otimismo crescentes, que tinham na palavra “novo” sua melhor forma de expressão. Tudo era novo: bossa nova, cinema novo, nova capital (STARLING, 1986). Brasília, com seu formato de avião, foi construída como monumento e emblema da essência futurista do Brasil. De um novo Brasil inaugurado nos anos 1930 e consolidado nos de 1950.

² As considerações acima sobre o pensamento econômico nacional-desenvolvimentista foram extraídas de Bielschowsky, 2004 e de Toledo, 1997.

JK, que cravou para o futuro a imagem de estadista da modernidade, ensaiou os primeiros lances de seu ousado projeto modernizador quando prefeito de Belo Horizonte, nomeado pelo interventor do governo autoritário do Estado Novo em Minas Gerais, Benedito Valadares.

Eram os anos 1940. O Brasil queria mostrar uma face mais moderna e o jovem prefeito da capital mineira não se furtou a abraçar e projetar essa causa. Visionário, entendia que o progresso econômico não prescinde de ser traduzido por uma euforia artística, em constante movimento.

A arte, como emancipação sutil da mais profunda sensibilidade humana, não se pode subordinar a padrões fixos. Ela é móvel como o próprio pensamento e tem que refletir através de coloridos próprios a misteriosa paisagem íntima que palpita dentro de cada espírito. (KUBITSCHKEK, 1944)

Como prefeito, recorreu à parceria de artistas e revolucionou a paisagem urbana da capital de Minas Gerais. A cidade se modernizou e incorporou em sua arquitetura, traçado urbanístico e topografia grandes empreendimentos, que buscavam alçá-la à categoria de metrópole moderna. Cidade metropolitana que, por algumas de suas características, como avenidas largas, amplas áreas para o lazer, cafés, confeitarias, salões para jogos e espaços para o *flâneur*, talvez possa ser incluída no significado de modernidade urbana, tão bem elaborado por Willi Bolle (2000) em seus estudos acerca da representação benjaminiana sobre metrópoles.

O jovem prefeito de Belo Horizonte parecia não se descuidar de nada. Apoiou iniciativas industrializantes, pavimentou ruas e avenidas, abriu novos bairros, inaugurou hospitais, criou escola de artes. Também construiu um enorme e moderno complexo urbano destinado ao lazer, ao turismo e à moradia dos belo-horizontinos. Trata-se da lagoa da Pampulha, margeada por jardins, clubes, museu, igreja, casa de jogos e salão de baile. Além desse complexo arquitetônico, foram implantados inúmeros bairros no entorno da lagoa, alargadas ruas e construídas vias de acesso à região.

Juscelino buscava fazer da capital de Minas Gerais um paradigma e um cartão postal da modernidade, ainda que tardia.

A paisagem urbana belo-horizontina nunca mais seria a mesma após a edificação, em 1942, do conjunto arquitetônico da Pampulha. Projetado pelos traços criativos e curvilíneos do arquiteto Oscar Niemeyer e refinado pelo paisagismo de Burle Marx, o conjunto da Pampulha abrange diferentes edificações, entre as quais se destaca a Igreja de São Francisco, na qual estão expostos

belos e à época polêmicos painéis de Portinari. A pintura de Portinari na igreja da Pampulha apresenta uma plasticidade inovadora, inspirada em Pablo Picasso. Suas representações nada ortodoxas de cenas sacras provocaram forte reação das autoridades eclesiásticas de Minas Gerais, um estado conservador e muito religioso.

De fato, a capital dos mineiros, visitada e arejada pela modernidade tardia nos idos da década de 1940, era ainda uma cidade provinciana, cravada no coração de um Estado bastante tradicional. Essa Belo Horizonte funcional e positivista, sob a batuta de JK, foi convocada a se renovar e a abraçar as demandas de transformação modernizadora que contagiavam o Brasil à época do Estado Novo. Entre a pulsão da modernidade e o terreno seguro do conservadorismo, a cidade oscilou. Durante muito tempo, ora se deixou seduzir pela atração inevitável do novo, ora se deixou abraçar pela segurança de tradições seculares.

A Belo Horizonte paradoxal da década de 1940 e o Rio de Janeiro dos anos subseqüentes. Eis os cenários do livro *O encontro marcado* de Fernando Sabino.

O Brasil otimista e efervescente da segunda metade dos anos 1950. Eis o tempo de publicação de importantes clássicos da literatura brasileira contemporânea: *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector; *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto e *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. Esses livros podem ser considerados como reais expressões de uma época caracterizada por grande vitalidade literária e pelo encontro/desencontro, naturalmente conflituoso, mas também estimulante, entre a tradição e a inovação.

Fernando Sabino e o signo de uma geração

Fernando Sabino nasceu em 1923, quando o signo do modernismo renovou o campo artístico no Brasil, em razão da inquestionável influência da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922. O movimento modernista influenciou, com suas propostas de revolução estética, conceitual e de conteúdo, diferentes gerações de escritores e artistas. Chegou a Belo Horizonte, de acordo com Luciana Andrade (2004), pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos e Pedro Nava, escritores que, embora seduzidos pela revolução modernista, continuaram a cultivar, de forma ambígua, muitas das tradições nacionais e mineiras.

Sabino inscreve-se em uma geração de escritores formados sob a influência dessas concepções, que valorizavam a revolução urbana e ao mesmo tempo se

rendiam ao fervor da brasilidade interiorana, através do gosto manifesto pelas tradições brasileiras.

O conceito de geração, de acordo com Otávio Guilherme Velho (1986), compreende:

- membros de uma sociedade nascidos mais ou menos em uma mesma época, em um mesmo lugar ou em diferentes lugares;
- um segmento de tempo entre o nascimento dos componentes de uma sociedade e o nascimento de sua prole (em torno de 30 anos);
- pessoas de uma mesma idade, muitas vezes influenciadas por manifestações culturais, condições e modos de vida de uma mesma época.

Sabino, portanto, integra a geração literária nascida na década de 1920. Geração herdeira do modernismo e que, inspirada por seus antecessores, que protagonizaram a Semana de Arte Moderna, assumiu posições de vanguarda ao propor a adoção de novos estilos estéticos e literários. Geração que ensaiou seus primeiros passos sob a inexorável influência de um clima de eufórica e desafiadora renovação da conjuntura do pós-segunda guerra.

Seus principais companheiros de jornada e de interlocução, da juventude à maturidade, foram o escritor e psicanalista Hélio Pelegriño e os também escritores Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende. O grupo ficou conhecido como “os quatro cavaleiros do Apocalipse”. De Minas Gerais para o destino sempre sonhado da então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, foram eternos parceiros de “puxar angústia” nos bancos da Praça da Liberdade em Belo Horizonte e de cultivar imaginação e memória ao longo de suas existências. Mesmo nas fases mais complexas de suas trajetórias individuais, jamais deixaram de se encontrar para relembrar projetos, desencantos, sonhos e deixar as asas da imaginação correrem soltas.

O encontro marcado, livro essencialmente citadino e existencialista, apresenta como cenário das lembranças de curto prazo, percorridas pela imaginação do escritor, a Belo Horizonte da sua infância e dos primeiros anos da sua juventude. Incorpora também praças, hotéis, pensões e ruas do Rio de Janeiro, cidade na qual Sabino e seu personagem Eduardo Marciano enfrentaram tanto as duras dificuldades peculiares à transição da juventude para a idade adulta, como as vicissitudes e prazeres do cotidiano da maturidade.

O livro, totalmente integrado por traços autobiográficos, busca na memória do escritor “a imagem e o imaginário (a lembrança do olhar vivido)”

(BRANDÃO, 2001). Destaca também o mito de origem inerente à sua identidade urbana e à sua memória individual, entrelaçada às memórias social e cidadina:

As cidades, como espaços de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas, que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares de ontem com sentimentos do presente. (DELGADO, 2006, p. 117)

Nesse sentido, a memória individual e as memórias das cidades, acopladas às temáticas do tempo e da geração, conformam a matéria-prima de *O encontro marcado*. Trata-se de uma obra de representação de um determinado tempo e, como tal, “não atinge ou revela uma verdade única” (PESAVENTO, 2002, p. 11).

O encontro marcado foi publicado quando Brasília começava a ser projetada. É um romance essencialmente urbano e pode ser considerado como espelho de uma época de crença no desenvolvimento, que teria na nova capital seu principal emblema. Uma nova capital que se constituiu como símbolo e monumento do progresso almejado. Dessa forma, o primeiro romance de Sabino inscreve-se entre as principais produções da literatura brasileira de inspiração urbana, que tem as cidades como seu cenário.

É nesse mundo enigmático, de um Brasil que se urbanizava a passos largos, que Eduardo Marciano construiu seu destino, sempre marcado por profundas dúvidas existenciais. É ali, em meio aos vestígios da memória e das angústias próprias à modernidade, que Fernando Sabino retrata um Brasil que, tal qual o personagem do livro, buscava inventar seu caminho. Um novo caminho a ser construído em meio às contradições do passado histórico nacional. Contradições atualizadas em um presente que se queria inovador.

Tempo de reencontro: juventude e angústia no Brasil do otimismo

No Brasil da década de 1950, Fernando Sabino “propõe à literatura brasileira um modo de ser escritor, que difere do modo europeu típico das gerações que o precederam” (SANTIAGO, 2006). Buscou fazer da literatura uma atividade profissional, distanciando-se dos escritores mais velhos, que

a praticavam, na maior parte das vezes, como um *hobby*. Escrever para Sabino era profissão. Sua angústia existencial e também a de seu personagem deve-se, em grande parte, à dificuldade de exercer somente a atividade de escritor e de dela tirar seu sustento. O Brasil se modernizava, mas a literatura e as artes continuavam sendo consideradas como um *hobby*, um adereço. Ou como atividades complementares aos empreendimentos econômicos, tidos como reais geradores de riqueza. Literatura e arte, portanto, eram vistas como retratos e representações do progresso ou como brisas a arejar o cotidiano de uma vida moderna, que supunha uma nova e incontrolável aceleração do tempo.

Sabino se insurgiu contra esse tipo de concepção frívola de arte e literatura ao introduzir no seu fazer literário os desafios da sobrevivência e o registro da angústia. Para tanto cultivou algumas características marcantes em sua estréia e das quais não se afastou ao longo de sua carreira literária: estilo enxuto, bem elaborado e conciso; forte influência do existencialismo; diálogo com a psicanálise; rejeição dos modismos formais de composição do romance; diálogo crítico com o tempo histórico no qual produziu seus textos.

Em sua primeira parte, *O encontro marcado* nos convida a passear pelas ruas de Belo Horizonte dos meados da década de 1940. E, em sua segunda parte, visita o centro e os bairros da então capital federal, o Rio de Janeiro. Eis os cenários da obra.

O enredo é traçado em torno do pacto de amizade entre três amigos, que, ao se formarem no colégio, combinam um encontro para 15 anos depois. Os três jovens não queriam deixar que a esperança e os laços profundos de amizade se perdessem no cotidiano de suas vidas, que se dispersariam naturalmente.

Era uma amizade típica dos filhos de uma classe média consolidada. Condição social que lhes proporcionava tempo livre para vagar pelas ruas da cidade, decifrar seus recantos, compartilhar segredos e também transgredir e ter atitudes desafiadoras, como a de escalar um dos principais viadutos de Belo Horizonte, o de Santa Tereza. “Eram vistos em toda parte: no cinema, na Praça, na avenida, nas confeitarias” (SABINO, 1984, p. 90).

A amizade se aprofundou e se consolidou em uma fase da vida na qual laços fortes e estreitos se projetam pelos anos vindouros. Essa amizade também possibilitou que os jovens compartilhassem, nos bancos da Praça da Liberdade, sensações de angústia existencial: “Hoje nós estamos afiados para puxar uma angustiazinha” (SABINO, 1984, p. 85).

Eduardo Marciano, como seus amigos Mauro e Hugo, levava uma vida boêmia. Sentia prazer em desafiar o perigo. Juntos adotaram um discurso contestador, próximo à ideologia dos oprimidos, que propugnava por um mundo mais igualitário e foi bastante disseminada com o fim da Segunda Guerra Mundial.

O princípio da esperança percorre toda a trama do livro, mas a angústia existencial e os reiterados desencontros da vida de seu personagem atuam como contrapontos dessa esperança. Esses sentimentos nunca abandonaram Eduardo Marciano, ao longo de sua trajetória existencial.

Marciano, filho único, desde seus primeiros anos demonstrou algum desajuste com a vida dita normal. Foi um garoto precoce, com forte pendor para a escrita. Seu talento de escritor se revelou muito cedo. Quando adolescente, inscreveu-se em uma maratona intelectual e ganhou o segundo lugar. Foi buscar seu prêmio, em dinheiro, no Rio de Janeiro e por lá ficou perambulando e se inspirando. Já pressentia que a diáspora seria em algum momento um desafio para sua vida de futuro escritor. “Saiu pela rua, mão no bolso, sentindo que naquele momento começava a viver. Pobreza, fome, miséria – tudo era preciso para se tornar um escritor” (SABINO, 1984, p. 26).

Ao narrar a história de Marciano, o autor mostra os costumes da época, em especial os preconceitos próprios de uma Belo Horizonte ainda provinciana, na qual as pessoas ficavam à mercê do julgamento alheio, em especial quando se tratava de costumes. A cidade queria aderir aos encantos da modernidade, mas, paradoxalmente, não conseguia desatar os nós das tradições que a enredavam.

Sabino, vítima dessas contradições, relatou-as como inerentes à vida de seu personagem central. Como Marciano queria se dedicar à literatura, seu pai o apresentou a um escritor amigo, Toledo. O primeiro mestre literário de Marciano, todavia, jamais conseguira firmar-se na profissão, pois sofria todo tipo de preconceito que a carreira suscita. Era um erudito, mas estava sempre bloqueado. Introduziu o rapaz na leitura dos clássicos, mas transmitiu-lhe e a seus amigos um desencanto algo conformista e também a convicção de que a trajetória seria árdua.

Vocês pensam que podem reformar o mundo. Também já pensei assim. Com o tempo fui aprendendo umas tantas coisas. É preciso compreender antes de julgar... A natureza humana é frágil, ninguém é perfeito. É assim mesmo que o mundo tem que ir para frente... (SABINO, 1984, p. 79)

A vida de Marciano será sempre desajustada, marcada por alguma perda. Dentre elas a do filho, ainda no ventre de sua mulher Antonieta, da qual se separou algum tempo depois. Além disso, mesmo morando no Rio de Janeiro, não conseguiu firmar-se como escritor e ficou, durante muitos anos, limitado por um emprego burocrático, que lhe garantia a sobrevivência. Sua vida foi a antítese dos tempos eufóricos do desenvolvimentismo.

Mas o princípio da esperança, apesar da tensão do texto, não se perdeu por completo. Afinal, Sabino e Marciano são filhos da modernidade tardia, que buscam reencontrar 15 anos após sua partida de Belo Horizonte, ao retornar à cidade para o encontro marcado com seus amigos. Marcado e não realizado.

Cidades, literatura, representações e memória

Nas cidades, lugares plenos de significados, a vida pulsa em um movimento contínuo, mas sempre renovável. “Sendo a cidade, por excelência, o ‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados, que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias e significados” (PESAVENTO, 2002, p. 9).

De fato, como signos da modernidade e da pós-modernidade, são as cidades realidades sempre em transformação. Seus espaços coletivos constituem férteis celeiros para análises sociológicas, históricas, arquitetônicas e antropológicas, entre outras. As cidades são também cenários de rica produção literária, incluindo a memorialística e a ficção.

Memórias e metáforas, não raras vezes, encontram-se na literatura que tece representações individuais e coletivas sobre a vida urbana. A expressão “metaforização do social”, cunhada por Alan Mons (1992) e muito apropriada às interpretações da história cultural, também cabe às análises que entrecruzam literatura e história. Através da trajetória do personagem central de *O encontro marcado*, Fernando Sabino constrói uma expressiva representação da vida urbana em que esteve integrado. Representação que inclui o retrato em movimento de uma conjuntura específica da história republicana brasileira, uma vez que o movimento de construção da representação é simultaneamente o de apresentação da realidade da vida social. Palavras e imagens nutrem essa realidade de significados e traduzem valores e condutas peculiares à vida dos brasileiros nos tempos do desenvolvimentismo.

As representações literárias urbanas, tal qual a construída em *O encontro marcado*, conferem sentidos às cidades, além de resgatar e apresentar ao leitor os cenários citadinos, com seus múltiplos personagens sociais. Assim, ao narrar a trajetória pessoal de Marciano, Sabino também apresenta a realidade social das cidades de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro das décadas de 1940 e 1950. Realidade urbana, personagens, temporalidade e memória de curta duração são elementos-chave da trama, que podem, por sua potencialidade criativa e foco na realidade, estimular e desafiar o historiador das cidades e da cultura.

A interseção entre literatura, história e memória tem sido objeto de análises e reflexões de importantes estudiosos da história e das letras, como Michel de Certeau (1985), Hayden White (1992), Sidney Chalhoub (1990; 1998) e Willi Bolle (2000). Ao tratarem de questões como narrativa e história, fontes literárias e história, memória e história, não só contribuem para distinguir história de literatura, e história de memória, mas também para apresentar o possível diálogo entre as narrativas histórica, literária e memorialística.

Enquanto a narrativa histórica busca referir-se a um passado real, a narrativa literária, em especial sob a forma de romance, possibilita maior liberdade criativa, incluindo a escrita ficcional. É comum, todavia, encontrar em textos literários uma amálgama entre realidade e ficção. Esse é o caso de *O encontro marcado*. Seu enredo transita entre a realidade, a memória, a representação do autor sobre a realidade e a ficção.

Sua narrativa tem o poder de conferir sentidos e signos às cidades e aos espaços urbanos, criando uma trama na qual a representação constitui uma metáfora do cotidiano urbano, com seus valores de época, hábitos sociais e modos de vida.

A narrativa literária de Fernando Sabino é uma rica representação de um dado tempo e também de diferentes cenas urbanas, ora vistas pelos olhos de um menino, ora pela sensibilidade do mesmo menino transformado em adolescente e em seguida jovem, ora absorvidas pela retina do adulto angustiado. Ao traçar uma trajetória individual, Sabino apresenta uma realidade histórica e social, além de qualificar o urbano. As imagens por ele traduzidas em texto incorporam sua visão e sentimentos sobre as cidades cenários de seu livro. Incorporam também hábitos sociais, dilemas e desafios do tempo no qual o autor foi criança, jovem, adulto.

Em seu texto, a memória se faz literatura e ficção, busca de reencontro do que, inexoravelmente, flui e se perde na dinâmica do tempo. Em *O encontro marcado* acompanha-se o crescimento de Marciano e, com ele, o da cidade de Belo Horizonte. No entanto, só quando retorna à capital para se reencontrar com os amigos, o personagem se dá conta de que a cidade se transformara. Seus olhos do passado se espantam com a realidade do presente. A representação que construíra sobre os lugares de sua infância e adolescência não corresponde, de forma exata, à realidade reencontrada e simultaneamente perdida. A realidade desencontra-se, descola-se da memória.

Nada importava mais, senão que haviam acabado com o banco da Praça. O novo prefeito fizera um estrago no jardim, pondo abaixo as velhas touceiras de antigamente, substituindo tudo por uma grama rasa, bem aparada, ridícula. Os bancos agora eram de mármore, como túmulos. Nada mais o ligava àquele lugar. (SABINO, 1984, p. 235)

Acontece que o narrador de memórias nunca caminha em linha reta. Seu relato, de acordo com Aguiar (1998), é marcado por bifurcações, quinas e curvas. Inclui os esquecimentos e as sobrevalorizações. É representação pessoal da realidade passada. É diálogo, nem sempre apaziguado, entre a realidade transformada e a recordação, pois, conforme Catroga (2001), a memória tende a sacralizar as lembranças.

O encontro marcado é um rito de recordação. E os ritos tendem a congelar o tempo, na busca dos momentos e experiências um dia significativos.

E foram significativas as molecagens de Marciano e de seus companheiros. Foram significativas as horas de vagar pelas ruas e alamedas de Belo Horizonte, cidade representativa de uma modernidade tardia, quase compulsória.

Foram significativas as horas de puxar angústia, sentimento existencial que tanto marcou a geração de Sabino. Sentimento lamentado como perda por Marciano quando de seu retorno a Belo Horizonte.

Chegou hora de puxar angústia.

Chegou a hora. Mocidade velha, cansada, desnorteada, exaurida, quando chegaria enfim a tua hora? Quantos séculos de angústia coletiva te fizeram? Quantas horas de aflição foram vividas, quantos corações se extenuaram no amor e na esperança para te entregarem desamparada no mundo novo? e que será de ti neste mundo? Que será do mundo? Perguntas sem resposta e sem sentido que ele largava na praça avermelhada pelo crepúsculo. “Aqui outrora retumbaram hinos”, pensou, e logo se afastava dali. (SABINO, 1984, p. 237)

Os vários discursos de *O encontro marcado*

Vários discursos se fundem, se entrelaçam e dialogam entre si na escrita de Sabino. São discursos muito próprios à etapa agitada, quase febril do pós-guerra, e à fase de vida de três jovens que, ao ganharem a autonomia juvenil para flunar por Belo Horizonte, descobriam novos prazeres e dificuldades da vida. São eles:

– O discurso psicanalítico, que acompanhará Sabino ao longo de sua trajetória de escritor. Em seu texto de estréia, o autor incluiu palavras e conceitos como subconsciente, angústia, moral repressora:

Um sino pôs-se a tocar na igreja próxima, denunciando o momento suspenso entre a realidade e o mistério. Apoiou-se à parede – seu corpo tremia, o coração disparava e todo ele parecia tocar o mais fundo da angústia. Sim, aquilo era angústia. Num grande esforço tentou ainda ordenar os pensamentos, entender as coisas ao redor – não entendia mais nada. (SABINO, 1984, p. 177)

– O discurso existencialista, inspirado pelas idéias e obras de Jean-Paul Sartre, escritor francês que incorporou, em seus textos e conferências, muitas das dúvidas existenciais da juventude do mundo ocidental daqueles anos. Sabino registrou, em um estilo apurado e seco, as hesitações e perplexidades de Marciano e a angústia dos demais personagens do livro frente ao efêmero da existência, à fatalidade da vida e à inutilidade das coisas. Tudo isso em uma época na qual o discurso otimista era hegemônico.

Tema habitual de Hugo: o efêmero da existência. Nada valia, tudo precário, equívoco contraditório. Vinha escrevendo um livro, uma espécie de ensaio poético, em que procurava transmitir esse sentimento da inutilidade das coisas. (SABINO, 1984, p. 59)

A consciência é inútil sem uma convicção adquirida. Isso que estamos fazendo é inútil, é masoquismo. Não temos importância, somos apenas três coisas largadas, desarvoradas, aflitas. Está acima de minhas forças dizer alguma coisa mais. (SABINO, 1984, p. 89)

– O discurso nostálgico da memória, traduzido por suas próprias lembranças, vivenciadas por Eduardo Marciano. Ao se referir à Belo Horizonte da década de 1940 o autor construiu, em 1956, uma representificação da infância e da juventude perdidas, das ruas desencontradas no decorrer da vida, da ambientação dos espaços públicos e privados da cidade e dos dias de outrora. Memória que é evocação de um tempo que fluiu com a rapidez da curtíssima duração. Nostalgia contundente, por exemplo, nos seguintes trechos do livro:

Existem palavras essenciais: amor, infância, pureza, espaço, tempo. Com elas eu escreveria um romance, cem romances. O amor como atitude estética diante da vida, realização da pureza no espaço e da infância no tempo. Tudo mais é literatura. (SABINO, 1984, p. 163)

Ai, Minas Gerais, já ter saído de lá, tuas sombras, teus noturnos, teus bêbados pelas ruas. Eduardo Marciano, minha mágoa, minha pena, minha pluma, merecias morrer afogado, o barco te leva para longe, a praia está perdida, mas voltarás, nem que tenhas que andar sobre as águas. (SABINO, 1984, p. 144)

– O discurso social e político, marcado pela valorização da liberdade individual, pela crítica ao fascismo e à “moral burguesa” e pela adesão aos valores da solidariedade social:

Pretendemos o desencadeamento das forças comuns a todo homem, a toda a humanidade, sabe como é? Adormecidas, há séculos, pelas exigências da vida em sociedade. Subjugadas pelos preconceitos. A moral burguesa. As convenções sociais. Essa coisa toda. Uma espécie de subconsciente coletivo, de que Freud não pensou, nem ele, nem ninguém. (SABINO, 1984, p. 65)

– O discurso de valorização da literatura como forma de expressão da humanidade, uma vez que, entre as principais descobertas dos três jovens, a literatura universal alcançou tremenda importância na sua formação. “Liam Bernanos, Mauriac, Maritain – não chegavam até São Tomás, mas se diziam neotomistas” (SABINO, 1984, p. 80). E ainda: “Juntos faziam suas descobertas literárias. Que literatura proletária! Verlaine, isso sim; Rimbaud, Valéry. Juntos choraram Baudelaire. Neruda, Garcia Lorca, Fernando Pessoa, soltos pelas ruas” (SABINO, 1984, p. 54).

Por fim, o discurso do otimismo não podia faltar àqueles anos. Mesmo paradoxal em relação ao conteúdo não poucas vezes cético do livro, esse discurso ganha expressão significativa ao fim de sua primeira parte.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro. (SABINO, 1984, p. 142)

Abstract

This article analyzes modernity in Brazil and in Belo Horizonte during the 40's and 50's, emphasizing the rich cultural movement of that time. It focuses mainly on the themes of modernity, development, temporality, representations, cities, generations and memory. These themes are approached through a historical and literary analysis of Fernando Sabino's *O encontro marcado*, published in 1956.

Key words: Memory; City; Literature; History; Generation; Modernity.

Referências

- AGUIAR, Joaquim Alves. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Edusp, 1998.
- ANDRADE, Luciana Teixeira. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- ÁVILA, Cristina; MIRANDA, Kátia. JK: homem das artes. In: ÁVILA, Cristina; CA-TEL, Gisele Rocha da Silva. *JK: o estadista da modernidade*. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Cultura e Fundação Clóvis Salgado, 2002.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. *O pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo – 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O sentimento do mundo: memória, destino e cenários da vida entre errantes mineiros. In: MENESES, Adélia Bezerra *et al.* (Org.). *As faces da memória*. Campinas: Unicamp, 2001.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CERTEAU, Michel. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1985.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso (Org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KUBITSCHKE, Juscelino. *Discurso de inauguração da exposição de arte moderna em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1944.
- MONS, Alan. *La métaphore sociale*. Paris: PUF, 1992.
- OLIVEIRA, Carlos Alberto Teixeira. *JK: cinquenta anos de progresso em cinco de governo*. Belo Horizonte: Mercado Comum, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SANTIAGO, Silvano. Prosa e verso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de outubro de 2006.

STARLING, Heloísa. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1986.

TOLEDO, Caio Navarro. *Iseb, fábrica de ideologias*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

VELHO, Otávio Guilherme. Geração. In: SILVA, Benedicto (Coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

